

# Preservar monumento "boer" com leitura anticolonial

N. 23/7/83

Um monumento colonial, versando a aliança histórica entre o regime racista de Pretória e a então administração colonial-fascista portuguesa em Moçambique, continua ainda aberto ao público na Avenida Josina Machel, em Maputo. Trata-se do «Jardim de Recordações à Memória de Louis Trichardt», um pioneiro «boer» que, na expansão pelo interior da África Austral foi sujando povos e fazendo escravos, «alegradamente em busca de novas terras e liberdade», como ainda se pode ler no texto inscrito no referido monumento.

Não pretende o nosso trabalho fazer a apologia da remoção do monumento pois, pelo contrário, achamos que ele deve ser preservado como um marco da aliança colonialista entre a então administração portuguesa em Moçambique e o regime racista de Pretória. Mas, pretendemos chamar a atenção das estruturas competentes para a necessidade de dar uma nova e real leitura, a partir da verdadeira explicação do significado da expansão «boer» na África Austral e o seu impacto sobre os povos africanos que viviam na altura nesta região do continente.

### QUEM FOI LOUIS TRICHARDT?

Louis Trichardt foi um pioneiro «boer» que em 1835 percorreu uma rota pelo interior da África Austral

até administração colonial portuguesa em Moçambique.

Esta exploração de mão-de-obra estrangeira, uma boa parte da qual era moçambicana, viria a permitir o desenvolvimento industrial da África do Sul e encher os cofres do tesouro do governo português.

### FALSO TEXTO

Porém, nada disto está revelado no texto explicativo no «Jardim de Recordações à Memória de Louis Trichardt». Não diz igualmente que Louis Trichardt e o grupo de 100 «boers» que abandonou a colónia inglesa do Cabo em 1835, fizeram-no porque a comunidade «boer» foi vedada na altura o acesso ao mar pelo porto do Cabo, por onde vinham a pólvora e

a Inglaterra, com efeito, que ocupou o Cabo em 1814 decretou a abolição do escravagismo.

Ora, serem os «boers» com uma economia pré-capitalista obrigados a libertarem os seus escravos era o mesmo que impedir a sobrevivência de sua economia. Estes colonos queriam ter a mão livre para subjugar e cobrar tributos (em espécies, trabalho ou ouro) aos povos africanos que viviam naquelas zonas de África. Queriam assim perpetuar a economia de escravos e despojá-los das suas terras e gado.

Os historiadores terão muito que contar sobre o impacto que esta expansão «boer» teve para as formações sociais africanas, desde as lutas de resistência dos verdadeiros donos da terra até à derrota do rei Mzilikazi

### O TEXTO

O texto existente na praca é o seguinte:

— Nos princípios de 1835, dois grupos de «voortrekkers» (iniciadores do T. k — a expansão «boer» utilizando carros de bois), chefiado por Louis Tregardt (nome afrikaans de Trichardt) e Johannes Van Rensburg partiram da colónia oriental inglesa do Cabo em busca da liberdade e novas terras no interior bravo e intacto de África.

Ao todo o grupo somava 100 brancos, com os seus criados, 18 carros de bois, vastos rebanhos e numerosos cavalos.

O texto refere, em seguida, parte da rota percorrida pelos grupos «boers». Explica depois que um grupo chefiado por Rensburg, que tinha partido em direcção da costa moçambicana, então sob a administração portuguesa, acabou por perecer às mãos dos indígenas das tribos entre os rios Limpopo e dos Elefantes.

Acrescenta que ao fim de três anos de viagem, num percurso de quase duas mil milhas através das terras selvagens do Sul de África — atravessando densas florestas e cruzando planícies abundantes em caça mas raramente povoadas por indígenas, vencendo o portentoso Drakensberg transpondo rios caudalosos e o deserto Lowell, a aventura épica de Louis Tregardt terminou em 13 de Abril de 1838 com a chegada ao porto de Lourenço Marques.

O texto continua dizendo que aqui foram tratados com grande consideração e carinho pelas populações e autoridades portuguesas.

Vemos pois que se trata dum valioso documento colonial, ignorando as sociedades existentes através da expressão «novas terras no interior bravo e intacto de África», bem como a definição de criados aos que na realidade eram escravos.

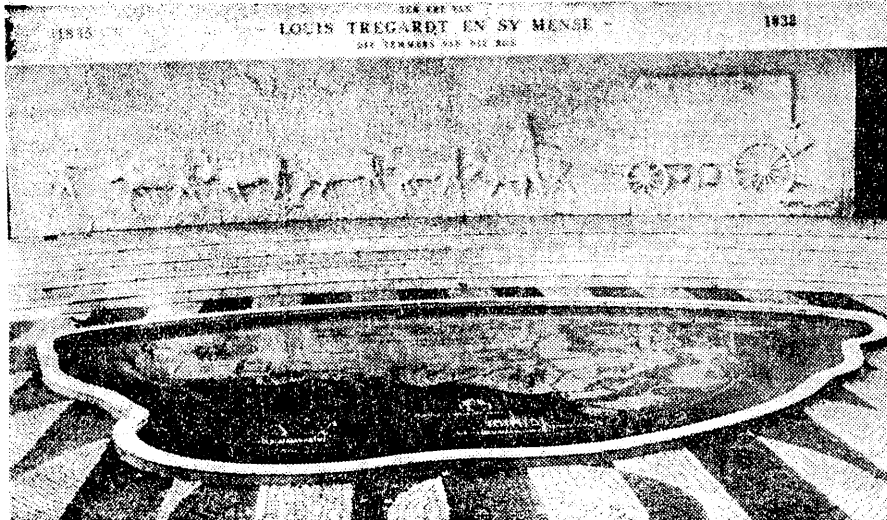
Todo este texto épico e vazio da heróica resistência dos tais «indígenas» defendendo as ditas terras intactas, é sem dúvida um documento e testemunho a ser cuidadosamente preservado. Mas que ali se mantenha, na praca, sem a devida interpretação, dá-nos a sensação de que naquele beco a roda da História parou há uns bons anos.

### A CONTINUIDADE DA OCUPAÇÃO APÓS TRICHARDT

Louis Trichardt, sua esposa e membros do grupo morreram, vítimas de paludismo, e foram sepultados em Lourenço Marques.

Seu filho, Carolus, seguindo as instruções de seu pai — continua o texto — navegou para o Norte ao longo da costa Oriental no navio «Estrela de Damão» e explorou as regiões litorais até à Abissínia (actual Etiópia) com vista à colonização.

Em 1968, ano de inauguração do referido «Jardim à Memória de Louis Trichardt», foram realçadas pelas autoridades do regime sul-africano e regime colonial português as boas relações entre a colónia de Moçambique e a África do Sul, dois países vizinhos e amigos que no conturbado Mundo em que viviam eram exemplos raros de dignidade (?) e respeito mútuo, o que constitui uma amostra do presente significado do texto do monumento.



O monumento de Louis Trichardt, situado numa praca contígua à Av. Josina Machel, dignifica a expansão «boer» na África Austral

C desde a então colónia inglesa oriental do Cabo, que veio a acabar na Fortaleza de N.ª Senhora da Conceição, na então Lourenço Marques (hoje, esta fortaleza na Baixa de Maputo, está a ser transformada no futuro Museu da Ocupação Colonial).

Esta rota percorrida pelo grupo «boer» que Trichardt comandou foi a precursora do caminho de ferro que, ainda hoje liga Maputo à província sul-africana do Transvaal.

Por esta mesma linha férrea foi transportada mão-de-obra barata moçambicana para as minas da África do Sul. Serviu igualmente para o escoamento de mercadorias da África do Sul através do porto de Lourenço Marques, facilitado através de acordos entre o governo sul-africano e a en-

as armas. Foi-lhes igualmente cortado o contacto com a Europa, continente de origem dos «boers», através do porto.

Aos «boers», de origem holandesa, alemã, escandinava e francesa, que começaram a povoar a zona do Cabo em fins do século XVII, só restou, como alternativa, a procura de outra saída pelo mar.

Foi neste contexto que Louis Trichardt comandou a guarda avançada que se meteu pelo interior da África Austral, alegradamente em busca de liberdade e novas terras, como ainda se pode ler no monumento.

Foi no entanto a abolição do escravagismo, imposta pelas necessidades de desenvolvimento industrial do capital inglês, que obrigou os «boers» a procurar novas terras e abandonar o Cabo.

dos Ndebele que se refugiou na região do Zimbabwe.

### ESCLAVAGISMO

Segundo alguns historiadores, os «boers» depois expropriaram terras às formações sociais africanas, aqui implantadas, roubaram e compraram escravos, na maioria crianças, que eram obrigadas a trabalhar até aos 25 anos, continuando depois com trabalhadores contratados (que no fundo não diferiam dos escravos).

Mas nada disso referir o texto que ainda hoje se pode ler naquele monumento. Ali não é dada a verdadeira explicação do que significou a viagem pioneira de Louis Trichardt.